

Variantes da lateral pós-vocálica na região Sul: o papel das variáveis lingüísticas envolvidas

Gisela Collischonn¹, Laura Rosane Quednau²

¹Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

²Instituto de Letras – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

giselac@via-rs.net, laura_rq@yahoo.com.br

Resumo. O português brasileiro caracteriza-se pela realização predominante da lateral pós-vocálica como semivogal; há, no entanto, outras realizações possíveis, como a lateral alveolar ou a velarizada. Essas parecem restritas, de acordo com diversos levantamentos realizados, à região Sul. Apresentamos uma análise de cunho variacionista da realização de /l/ pós-vocálico em localidades do VARSUL, destacando o papel das variáveis lingüísticas envolvidas no fenômeno. A pesquisa faz parte de um conjunto de pesquisas sobre regras variáveis do português falado na região Sul e tem por meta completar o levantamento de análises precedentes, no sentido de abranger a totalidade das localidades da região Sul constantes do Banco de Entrevistas do Projeto VARSUL. Neste sentido, são apresentados aqui resultados de localidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) e São José do Norte (RS). Realizamos também uma análise combinada destas amostras com as analisadas em Quednau (1993), a saber: Taquara (RS), Monte Bérico (RS), Livramento (RS) e Porto Alegre (RS).

Abstract. Brazilian Portuguese shows predominant lateral vocalization in coda, however, other variants are possible, such as [l] (alveolar lateral) and [ʎ] (velarized lateral) and even taps. These variants seem to be more or less restricted to the southern regions of the country. We present a variationist analysis of the realization of /l/ in coda in samples of spoken Portuguese from towns covered by Project VARSUL, considering mainly the linguistic conditioning involved. This research is part of a larger set of researches of variable phenomena in spoken Portuguese of the South; its aim is to complete the survey of the samples which constitute the archive of sociolinguistic interviews from VARSUL Project. Results from the samples of Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC) and São José do Norte (RS) are presented and discussed. We do also a combined analysis with the samples analysed previously by Quednau (1993), which are Taquara (RS), Monte Bérico (RS), Livramento (RS) e Porto Alegre (RS).

Palavras-chave: lateral pós-vocálica; variação; fatores lingüísticos

1. Introdução

No português brasileiro (PB), laterais em coda são realizadas variavelmente como [l], [ɫ] ou [w], ocorrendo ainda as variantes [ø] e /r/. Dados sociolingüísticos e dialetológicos mostram que a variação depende tanto de condicionantes sociais quanto lingüísticos.

Pesquisas recentes mostram que a vocalização é praticamente categórica na capital gaúcha, mas mostram também que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são registradas em outras cidades do sul do país (Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001)). Além destas pesquisas de cunho variacionista, a coleta de caráter geolingüístico realizada no âmbito do Projeto Atlas Lingüístico da Região Sul (ALERS) atesta também para a permanência de outras variantes no Sul do Brasil. A partir dessas pesquisas, podemos reunir um quadro bastante completo no que se refere à distribuição das variantes no espaço geográfico e sua relação com fatores sociais.

O presente estudo faz parte de um conjunto de pesquisas variacionistas sobre o português falado na região Sul e tem por meta completar o levantamento das localidades da região Sul constantes do Banco de Entrevistas do Projeto VARSUL¹. Neste sentido, são apresentados aqui resultados de localidades ainda não consideradas em análises anteriores, tais como: Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS). Para uma visão abrangente da realização do /l/ pós-vocálico na fala da região Sul, os dados das localidades mencionadas são avaliados também em conjunto com a amostra analisada por Quednau (1993), composta pelas cidades de Porto Alegre, Taquara, Livramento e Monte Bérico.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 2, trazemos algumas informações de estudos feitos sobre a lateral pós-vocálica; na seção 3, tratamos da metodologia utilizada no trabalho; na seção 4, apresentamos os resultados estatísticos referentes ao conjunto de dados em estudo; a esta última seguem-se as considerações finais.

2. A lateral pós-vocálica

Callou, Leite e Moraes (2002) afirmam que a vocalização é geral em todo o país. Nos dados do Projeto NURC, apenas a cidade de Porto Alegre apresentou as variantes velarizada e alveolar ([ɫ] e [l]), ao lado da variante vocalizada ([w]). Nas demais cidades, há predominantemente a vocalização da lateral em coda.

¹Este trabalho conta com a participação dos alunos de graduação Laura Hahn (IC-PROPESQ-UFRGS Brasil), Paulo Henrique Pappen (IC-PROPESQ-UFRGS Brasil) e Beatriz Ilibio Moro (Monitora-PROGRAD-UFRGS Brasil) e de Mestrado Eduardo Nedel (aluno do PPG-Letras UFRGS).

Década de 70	POSIÇÃO INTERNA			POSIÇÃO FINAL		
	Frequência [w]	%	Peso Relativo	Frequência [w]	%	Peso Relativo
RJ	249/278	90	0,90	209/226	92	0,93
SP	250/290	86	0,87	237/242	98	0,94
RE	226/253	89	0,90	313/323	97	0,97
SSA	207/288	72	0,72	240/254	91	0,91
POA	116/215	54	0,54	138/255	54	0,55

Callou, Leite e Moraes (2002)²

Tabela 1. Vocalização em posição interna e final (frequência e peso relativo)

Pesquisas recentes, entretanto, mostram que a vocalização é praticamente categórica na capital gaúcha, mas mostram também que a lateral velarizada e a lateral alveolar ainda são freqüentes em outras localidades do sul do país. Dentre essas pesquisas recentes, destacamos as de Quednau (1993), Tasca (1999) e Espiga (2001).

Quednau (1993) utiliza em sua análise amostras do português falado da metrópole gaúcha, das regiões colonizadas por descendentes italianos e alemães e também da região de fronteira com o Uruguai; mais especificamente, amostras das cidades de Porto Alegre (capital do RS), Taquara (colonizada por alemães), Monte Bérico (distrito da cidade de Veranópolis) e Santana do Livramento (região de fronteira com a língua espanhola). Tasca (1999) analisa a preservação da lateral pós-vocálica nas cidades de Porto Alegre, Flores da Cunha (colonizada por italianos), Panambi (colonizada por alemães) e São Borja (região de fronteira)³. Espiga (2001) focalizou o estudo da lateral pós-vocálica na região de Campos Neutrais, que abrange as comunidades de Chuí e Santa Vitória do Palmar (região de fronteira com Uruguai).

Tanto no estudo de Quednau quanto no de Tasca, a variável social *etnia* teve papel importante. Tasca observou que o emprego da lateral alveolar [l] nas cidades de Panambi e Flores da Cunha é maior que o da lateral velarizada. Nestas localidades, não se registrou o uso da variante [w], amplamente usada na capital. Também Espiga identificou na região de Campos Neutrais a predominância da realização alveolar para a lateral.

Completam este levantamento, os trabalhos de Costa (2003), Dal Mago (1998), os mapas geolingüísticos em Altenhofen et alii (2002) e demais pesquisas sobre este fenômeno variável no português do Sul do Brasil.

² Os resultados referem-se a rodadas separadas para cada cidade.

³ Embora tanto Quednau quanto Tasca utilizem entrevistas do Banco VARSUL, a amostra de Quednau foi coletada em período anterior ao da amostra considerada por Tasca.

3. Metodologia

Reunimos, neste trabalho, os dados relativos à variação da lateral das cidades de Pato Branco (PR), Irati (PR), Londrina (PR), Curitiba (PR), Lages (SC), São José do Norte (RS), que constituem levantamentos recentes e os dados do estudo de Quednau (1993), que abrange as localidades de Porto Alegre (RS), Taquara (RS), Santana do Livramento (RS), Monte Bérico (RS), a fim de efetuarmos um estudo comparativo. Baseando-nos na Teoria da Variação, submetemos os dados à análise estatística pelo pacote de programas VARBRUL, examinando variáveis lingüísticas e extralingüísticas possivelmente envolvidas na variação em estudo.

3.1. Constituição das amostras

3.1.1 Levantamentos recentes⁴

- *corpus* – Banco de dados VARSUL
- 6 localidades:
 - Londrina (Paraná) – 8 informantes
 - Pato Branco (Paraná) – 8 informantes
 - Curitiba (Paraná) – 8 informantes
 - Irati (Paraná) – 16 informantes
 - Lages (Santa Catarina) – 16 informantes
 - São José do Norte (Rio Grande do Sul) – 16 informantes
- Análise de variáveis lingüísticas e extralingüísticas
- Pacote GOLDVARB

3.1.2 Amostra de Quednau (1993)

- *corpus* coletado por Bisol em 1981 – Banco de dados VARSUL
- 4 localidades:
 - Porto Alegre (região metropolitana) – 7 informantes
 - Taquara (região de colonização alemã) – 7 informantes
 - Monte Bérico (região de colonização italiana) – 7 informantes
 - Santana do Livramento (região fronteira) – 7 informantes
- Análise de variáveis lingüísticas e extralingüísticas
- Pacote VARBRUL (versão 1988)

⁴ Esses levantamentos fazem parte da pesquisa *Realização variável da lateral pós-vocálica no português do sul do Brasil e seu condicionamento prosódico*, projeto de pesquisa coordenado pelas professoras Gisela Collischonn e Laura Quednau, em andamento.

3.2 Variáveis utilizadas

A fim de efetuarmos um estudo comparativo, reunimos os dados das amostras referidas acima e os submetemos à análise estatística; para tanto, utilizamos variáveis lingüísticas e extralingüísticas, mas, neste trabalho, vamos nos deter apenas na análise das variáveis lingüísticas. Para obtermos os resultados do conjunto dos dados, fizemos algumas adaptações nas codificações da amostra de Quednau (1993), visto que as variáveis utilizadas não eram exatamente as mesmas das que utilizamos nos levantamentos recentes. Para tanto, fizemos uso de barra inclinada e conversões de algumas especificações de fatores. Não nos deteremos aqui nessas adaptações, limitando-nos a apresentar na seção seguinte os resultados das variáveis selecionadas.

4. Apresentação dos resultados estatísticos

Nesta seção, primeiramente, apresentamos os resultados estatísticos das variáveis dependentes por localidade: na amostra de Levantamentos recentes, as variantes analisadas foram lateral alveolar, lateral velar, semivogal, apagamento e tepe; na amostra de Quednau, a análise foi binária, vocalização *versus* as outras variantes. Depois, apresentamos os resultados relativos às variáveis lingüísticas dos Levantamentos recentes e do Conjunto dos dados, constituído pelas amostras Levantamentos recentes e Quednau (1993).

4.1 Variável dependente – Levantamentos recentes

Apresentamos a seguir o quadro dos resultados no que se refere à distribuição das variantes em cada localidade analisada.

Localidade	Infor- mantes	Número de dados	Vocalização	Tepe	Apagamento	Lateral alv.	Lat. vel.
Londrina	8	977	80%	--	--	--	20%
Pato Branco	8	625	91%	2%	1%	--	6%
Curitiba	8	543	81%	1%	8%	4%	6%
Irati	16	1161	63%	3%	3%	8%	23%
Lages	16	796	51%	6%	4%	20%	16%
S. José do Norte	16	1048	43%	1%	9%	15%	30%

Quadro 1. Distribuição das variantes por localidade

Percebe-se que há um alto índice de vocalização em Londrina, Pato Branco e Curitiba, cidades do estado do Paraná. Irati, por sua vez, embora também seja do Paraná, tem um índice de vocalização mais baixo, o que também é observado em Lages, em Santa Catarina. Por outro lado, em São José do Norte, a vocalização não chega a representar a metade das ocorrências. Nesta amostra, observou-se também 15% de lateral alveolar, ou seja, a lateral alveolar também ainda está presente na localidade. Os resultados confirmam constatação de Dal Mago (1998) de que há uma tendência de

vocalização mais acentuada no Paraná, que se reduz gradativamente, na medida em que se vai em direção ao sul.

Como vemos, a ocorrência de róticos está restrita basicamente à amostra de Lages (em Irati, apenas um informante apresentava róticos). Em geral, as amostras do VARSUL não apresentam a fala típica das regiões rurais; por isso, são atestadas bem poucas realizações como róticos. Confirma essa idéia o fato de, nas localidades observadas, os róticos ficarem restritos aos falantes de menor escolaridade.

4.2 Variável dependente – Quednau (1993)

No estudo de Quednau (1993), o índice de aplicação da regra de vocalização não é muito alto (45%) devido à baixa ocorrência de vocalização nas regiões de colonização alemã (Taquara), italiana (Monte Bérico) e fronteiriça (Livramento), como vemos na Tabela 2.

Fatores	Aplic./Total	%	Peso relativo
Metropolitanos	652/715	91%	0,95
Alemães	73/363	20%	0,25
Italianos	149/641	23%	0,26
Fronteiriços	142/525	27%	0,31
Total	1016/2244		

Input 0,34

Tabela 2. Grupo étnico – Quednau (1993)

4.3 Variáveis lingüísticas – Levantamentos recentes

Segue o resultado de duas variáveis lingüísticas selecionadas pelo programa GoldVarb.⁵

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo	Exemplo
e pretônica	858/1351	0,57	altura
t tônica	1600/2218	0,49	comercial
p postônica	337/490	0,42	fácil
m monossílabo	195/307	0,38	mal
Total	2990/4366		

Input 0.75

Tabela 3. Acento – Levantamentos recentes – Fator de aplicação: [w]

Como mostra a tabela, os contextos átonos (sílabas postônicas e monossílabos) são os que menos favorecem a vocalização. Esses resultados pareceriam sugerir que a

⁵ A amostra de Lages não foi considerada nas análises apresentadas nesta seção e nas seguintes, por ser objeto de uma dissertação de mestrado ainda não concluída.

vocalização seria mais freqüente nos contextos mais proeminentes, contrariando as expectativas com relação ao comportamento típico de fenômenos caracterizados como ‘neogramáticos’. No nosso entendimento, entretanto, esses resultados mostram, na verdade, outra coisa: que no contexto de sílabas postônicas está ocorrendo de forma mais freqüente que nos demais o apagamento. Para conferir essa idéia, fizemos uma rodada considerando o apagamento como fator de aplicação (ou seja, consideramos os demais grupos de fatores em relação ao fator Ø) e a variável acento foi selecionada, constatando-se os seguintes resultados:

Fatores	Aplic./Total	Porcentagem	Peso relativo
e pretônica	104/1351	7,7	0,59
t tônica	26/2218	1,2	0,33
p postônica	78/490	15,9	0,81
m monossílabo	27/307	8,8	0,73

Input 0,01

Tabela 4. Acento – Levantamentos recentes – Fator de aplicação: Ø

Vemos, com estes resultados, que o contexto de sílaba postônica é o grande favorecedor do apagamento, seguido pelo contexto de monossílabo.⁶ Em suma, os contextos de sílaba postônica e de monossílabo são menos favorecedores da vocalização simplesmente porque se mostram mais favoráveis ao apagamento.

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo	Exemplo
i vogal alta anterior	444/667	0,51	filme
e vogal média-alta anterior	115/147	0,52	terrível
ɛ vogal média-baixa anterior	104/127	0,63	coquetel
a vogal baixa	1784/2489	0,52	assalto
ɔ vogal média-baixa post.	161/245	0,54	futebol
o vogal média-alta post.	228/324	0,47	bolsa
u vogal alta posterior	154/367	0,29	último
Total	2990/4366		

Input 0.75

Tabela 5. Contexto precedente – Levantamentos recentes – Fator de aplicação: [w]

Como mostra a tabela acima, os pesos relativos dos diversos fatores gravitam em torno do ponto neutro, com exceção do fator **vogal precedente u**, que indica um desfavorecimento da vocalização.

⁶ Como observamos em análise anterior (Collischonn, 2008), o contexto de monossílabo também favorece a manutenção da lateral alveolar, a partir de levantamento da amostra de Porto Alegre.

A rodada com fator de aplicação \emptyset selecionou também a variável *Contexto precedente*, para a qual os fatores ficaram com os seguintes pesos relativos:

Fatores	Aplic./Total	Peso relativo
i vogal alta anterior	93/667	0,78
e vogal média-alta anterior	7/147	0,51
ɛ vogal média-baixa anterior	0/127	----
a vogal baixa	37/2489	0,38
ɔ vogal média-baixa post.	2/245	0,34
o vogal média-alta post.	4/324	0,28
u vogal alta posterior	92/367	0,92

Input 0,01

Tabela 6. Contexto precedente – Levantamentos recentes – Fator de aplicação: \emptyset

Como se pode ver, o apagamento é favorecido significativamente pela vogal [u]; a tabela sugere que também ocorra quando a vogal precedente for [i], mas, observando os dados mais detidamente, constatou-se que as realizações são restritas a basicamente dois itens lexicais: *fácil* e *difícil*. Das 93 ocorrências de apagamento de /l/ neste contexto, mais de 80% eram de um desses dois vocábulos. Esses números revelam que o apagamento após /i/ está relacionado à característica desses dois itens lexicais, que têm a lateral em sílaba átona postônica.

Ou seja, a variável *Contexto precedente* parece ter papel somente na medida em que realizações do tipo [uw] tendem a ser evitadas, resultando em uma preferência por uma realização [u \emptyset] neste caso. Confirmamos esta interpretação observando que, quando retiramos o fator **u** da rodada (tanto para o fator de aplicação w quanto para o fator de aplicação \emptyset), o contexto precedente não mais foi selecionado como fator relevante.

Como esperávamos, a variável *Contexto seguinte* não foi selecionada. Dentre os grupos de fatores lingüísticos, também não foi selecionado o que se refere à classe da palavra. Essa não-seleção era esperada, uma vez que a vocalização não parece ser um fenômeno com propriedades lexicais.

Em suma, a partir de diversas análises estatísticas dos dados, pudemos verificar a real importância dos fatores lingüísticos no que se refere à vocalização. Quednau (1993) tinha constatado que as vogais altas (/i/, /u/) são as que favorecem menos a vocalização, sobretudo a posterior /u/; entretanto, interpretava este fato como sendo perceptualmente motivado: no caso de duas vogais com a mesma altura (com valores pouco distanciados, caso de /i/ e /u/), haveria uma tendência a reter o processo de vocalização em virtude de as combinações entre duas altas se prestarem a interpretações ambíguas. Na nossa interpretação, ele pode ser articulatoriamente motivado: nos contextos em que a vogal precedente é [u], a vocalização criaria uma seqüência altamente marcada na língua: [uw]. Esta estrutura será impedida, razão pela qual, neste contexto, o apagamento é favorecido. Outro contexto em que a vocalização é claramente não-favorecida e no qual

o apagamento é favorecido é o contexto de sílaba átona final. Neste caso, apagamento resolve a estrutura marcada; a vocalização, pelo contrário, manteria a marcação da seqüência átona final, isto é, um troqueu com sílaba pesada na parte fraca do pé.

4.4 Variáveis lingüísticas – Conjunto dos dados

No estudo Levantamentos recentes, as variáveis lingüísticas selecionadas foram apenas *Contexto precedente* e *Acento*; no estudo de Quednau (1993), *Acento*, *Contexto precedente*, *Contexto seguinte* e *Posição da lateral*. Quando da junção de todos os dados (Conjunto dos dados), as variáveis lingüísticas selecionadas foram as mesmas que no estudo de Quednau: *Contexto precedente*, *Fronteira morfológica*, *Acento* e *Contexto seguinte*. Na discussão que segue, entretanto, nos detemos apenas em duas destas variáveis, a saber, *Contexto precedente* e *Acento*.

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *contexto precedente*.

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo	Exemplo
e vogal média-alta anterior	139/203	68%	0,52	terrível
# vogal média-baixa post.	256/457	56%	0,55	futebol
& vogal média-baixa ant.	131/172	76%	0,59	anel
a vogal baixa	2480/3915	63%	0,52	assalto
i vogal alta anterior	499/865	58%	0,50	filme
o vogal média-alta post.	293/461	64%	0,51	bolsa
u vogal alta posterior	209/535	39%	0,30	último
Total	4007/6608	61%		

Input 0,73

Tabela 7. Conjunto dos dados – Fator de aplicação: [w]

Como mostra a tabela acima, os pesos relativos dos diversos fatores da variável *contexto precedente* gravitam em torno do ponto neutro, com exceção do fator **vogal precedente u**, que indica um desfavorecimento da vocalização, confirmando os resultados observados na seção anterior. Fez-se, também, uma rodada sem o fator ‘u’, e a variável *Contexto precedente* não foi selecionada, conforme também já tínhamos observado anteriormente. Estes resultados apontam para uma constatação importante: a de que a vocalização seja realmente um fenômeno motivado pela estrutura silábica e não pelo contexto adjacente (ou seja, não é um fenômeno assimilatório).

Segue a tabela com os resultados relativos à variável *Acento*.

Fatores	Aplic./Total	Frequência	Peso relativo	Exemplo
e pretônica	1255/2197	57%	0,53	altura
t tônica	2183/3451	63%	0,51	comercial
m monossílabo	195/307	63%	0,42	mal
p postônica	374/652	57%	0,40	fácil
Total	4007/6608			

Input 0,73

Tabela 8. Acento – Conjunto dos dados – Fator de aplicação: [w]

Pode-se perceber, pelos resultados da tabela acima, que também aqui os resultados da seção precedente são confirmados: os pesos relativos dos fatores **pretônica** e **tônica** se mantiveram próximos do ponto neutro, ao passo que os pesos dos fatores **monossílabo** e **postônica** mostram que estes contextos são desfavorecedores. Aqui cabe um esclarecimento quanto à recodificação dos dados de Quednau (1993). Diferentemente de nossa análise, a autora dividiu a variável acento em apenas três fatores, conforme indicado abaixo:

Posição em relação ao acento

- sílaba tônica (pólvora)
- sílaba pretônica (calmante)
- sílaba átona final (fácil)

Na recodificação dos dados de Quednau (1993), traduzimos o **fator sílaba átona final** em **postônica**, embora alguns desses dados provavelmente tivessem de ser classificados como monossílabo. Entretanto, como não pudemos recuperar as transcrições que deram origem às codificações, adotamos a estratégia indicada acima, que resulta no fato de que o fator **monossílabo** permaneceu com o mesmo número de dados da análise feita na seção anterior. Feita esta ressalva, podemos, no entanto, afirmar que os resultados encontrados confirmam as observações feitas anteriormente de que o contexto postônico desfavorece a vocalização porque, neste caso, o apagamento é favorecido.

4.5 Resultado geral – Conjunto dos dados

Por fim, apresentamos o resultado geral do Conjunto dos dados, envolvendo todas as cidades.

Variável	Aplic.Total	Frequência
[w] semivogal	4007/6608	61%
Outras variantes	2601/6608	39%
Input		0,73

Input 0,73

Tabela 9. Resultado geral – Conjunto dos dados

Como vemos pela tabela acima, o uso da semivogal prevalece sobre o uso das outras variantes, embora pareça estar em ascensão também na região Sul.

5. Considerações finais

Sendo a vocalização um fenômeno de estrutura silábica e não de caráter assimilatório, a natureza da vogal precedente não deveria influenciar a ocorrência de vocalização da lateral; entretanto, análises anteriores tinham apontado que havia desfavorecimento em alguns casos e favorecimento em outros (caso da vogal baixa [a], por exemplo). As análises aqui apresentadas, tanto das amostras dos **Levantamentos recentes** quanto do **Conjunto dos dados** mostraram que o contexto precedente realmente não interfere no processo de vocalização, com exceção da vogal precedente [u], caso que se explica devido à marcação da sequência [uw] criada com a vocalização nestes casos.

Sendo a vocalização um fenômeno de tipo neogramático (como a entendemos), espera-se que os contextos privilegiados para a sua implementação sejam os contextos de menor proeminência. Contrariando esta hipótese, os nossos dados revelaram que os contextos átonos (sílabas postônicas e monossílabos) são os que menos favorecem a vocalização. Entretanto, observando mais detidamente estes contextos, constata-se que são eles que favorecem, juntamente com o contexto mencionado no parágrafo acima, o apagamento do segmento lateral. Deve-se acrescentar ainda que diversas análises de fenômenos de sândi apontaram os contextos átonos como favorecedores destes processos. Em pesquisa anterior, Collischonn (2008), observamos que a ressilabagem de // era favorecida em contexto átono. Portanto, concluímos que a baixa frequência de vocalização nestes contextos, está relacionada a propriedades estruturais e, assim, não se constitui em evidência contrária à nossa análise da vocalização como fenômeno de tipo neogramático.

6. Referências bibliográficas

ALTENHOFEN, Cleo Vilson et alii. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) – v. 2 – Cartas Fonéticas e Morfosintáticas*. Porto Alegre : Editora da Universidade/UFRGS, Editora da UFPR, Editora da UFSC, 2002.

CALLOU, D.; LEITE, Y.; MORAES, J. Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B & RODRIGUES, A. (orgs.) *Gramática do português falado. Vol. VIII: novos estudos descritivos*. Campinas:UNICAMP/FAPESP, 2002.

COLLISCHONN, Gisela. Variable aspects of Brazilian Portuguese phonology: the laterals in coda. In: BISOL, L; BRESCANCINI, C. (org.) *Contemporary Phonology in Brazil*. Newcastle: Cambridge, 2008. p. 177-190.

COSTA, Cristine. *Fonologia Lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de // no PB*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

DAL MAGO, Diane. O comportamento do // pós-vocálico no Sul do país. *Working Papers in Linguistics*. Florianópolis, v. 2, p. 31-44, 1998.

ESPIGA, Jorge. *O Português dos Campos Neutrais - um estudo sociolingüístico da*

lateral posvocálica nos dialetos fronteiriços de Chuí e Santa Vitória do Palmar. Porto Alegre : PUCRS, 2001.

QUEDNAU, Laura Rosane. A lateral pós-vocálica no português gaúcho: análise variacionista e representação não-linear. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1993. In: LEFFA, Vilson José. (ed.). *TELA – Textos em Lingüística Aplicada*. Pelotas: Educat, 2000.

TASCA, Maria. *A lateral em coda silábica no Sul do Brasil*. Porto Alegre: PUCRS, 1999.